

## NOVOS REGIMES DE HISTORICIDADE: O PRESENTE, A MEMÓRIA E O ACONTECIMENTO<sup>i</sup>

HELENICE RODRIGUES DA SILVA  
UFPR

Designada, na língua francesa, pela mesma palavra (“histoire”) o que em alemão se diferencia por “Geschichte” e “Historie”, a história na França é marcada por singularidades. Significando concepções distintas (seqüência de acontecimentos e a sua narração), esse duplo objeto de reflexão, ou seja, disciplina ou conhecimento indireto e rastros dos acontecimentos, merece, no momento presente, uma atenção especial por parte dos historiadores.

Praticada desde o século XIX, por eruditos e filósofos e a partir de meados do século XX por profissionais de “métier”, a disciplina história se institucionaliza e se vulgariza graças à expansão dos lugares de produção e a extrema “mediatização” do historiador. Solicitado a intervir nos debates públicos sobre as tramas do passado e as atualidades históricas<sup>ii</sup>, o historiador se vê investido de múltiplos papéis: “expert”, juiz, magistrado. Ao lado da função pedagógica e cognitiva, o historiador ocupa, igualmente, uma função social.

No entanto, se os historiadores de “métier” se preocuparam, ao longo dos tempos, com a interrogação de seus métodos de investigação, especialmente no momento do triunfo dos Annales, a excessiva atenção com a prática histórica fez com que eles ignorassem a reflexão de ordem epistemológica da disciplina. A proximidade da história com as ciências sociais até meados dos anos 80, distanciou os historiadores de um diálogo necessário com a filosofia. Aliás, as desconfianças dos mesmos em relação à filosofia da história impediu que a disciplina evoluísse em direção a uma maior conceitualização e reflexão.

Escritos no início dos anos 80, os três volumes de *O Tempo e a Narrativa* de Paul Ricoeur, passam praticamente despercebidos junto da corporação dos historiadores. É somente nos anos 90 que, autores como Michel de Certeau, Jacques Rancière et Paul Ricoeur<sup>iii</sup>, responsáveis por um reflexão filosófica e poética da história, vêem seus trabalhos valorizados, por uma pequena fração dessa corporação. Fundamentos para uma epistemologia da história, a parte reservada aos modos de escrita, à narrativa, à argumentação, à subjetividade do historiador, ilustram a guinada hermenêutica (ou interpretativa) que marcou a historiografia dos anos 90. Graças aos trabalhos de Paul Ricoeur sobre o tempo histórico, os historiadores re-descobrem a dupla dimensão da história, que sob o mesmo vocábulo na França, insera a própria narração e a ação narrada<sup>iv</sup>.

### O final das certezas e da hegemonia de um modelo: a “guinada crítica”

Se os dois editoriais da revista *Les Annales*, publicados em 1988<sup>v</sup>, sob o título de “le tournant critique”, constituem uma resposta à crise de paradigmas em vigor nos anos 70 e à nova conjuntura intelectual, eles representam, sobretudo, uma “solução provisória [visando] uma legitimação identitária”<sup>vi</sup>. Essa última passaria, segundo seus autores, por um posicionamento crítico em relação ao modelo historiográfico dominante.

Sem dúvida, a necessidade de uma tomada de posição por parte de membros dessa revista, justifica-se em razão do constato eminente de uma crise identitária pela qual atravessaria a disciplina na França. Externamente, a posição hegemônica dos Annales encontrava-se ameaçada pelas novas correntes historiográficas vindas do estrangeiro: “social history” inglesa, micro-história italiana, “linguistic turn” americana e “alltagsgeschichte” alemã. Internamente, esse modelo já havia sido alvo de críticas pela *A História em migalhas* (1987) de François Dosse que diagnosticou e criticou a fragmentação do projeto dos Annales.

Preconizando uma renovação e “novos métodos da pesquisa histórica”, ou seja, a necessidade de se levar em conta não mais as estruturas, a longa duração e os grupos sociais, mas as escalas de análise, os atores individuais e a escrita da história, os diferentes textos da “guinada crítica”<sup>vii</sup> visam romper com as certezas metodológicas que marcaram os Annales. A modificação mesmo do sub-título da revista Annales, em 1993, de “Économie, société et civilisation” para “Histoire et sciences sociales” demonstra a necessidade de uma renovação, que passaria, num primeiro momento, pela afirmação de identidade da própria disciplina.

Deixando de lado a possibilidade de uma análise mais aprofundada, propomos salientar somente os pontos mais relevantes que permearam esse projeto crítico..

Se o primeiro editorial da “guinada crítica” propõe analisar a conjuntura historiográfica e elaborar propostas de renovação da prática dos historiadores, ele recusa pensar essa mesma conjuntura em termos de “crise da história” e de fracasso de um “procedimento dominante”, o dos Annales dos anos 70. “[Essa é a característica] principal das proposições de redefinição que [pretende ser] uma “epistemologia de transição”, a partir de uma pressão identitária, ou seja, em defesa de uma comunidade cuja legitimidade científica (e social) é objeto de crítica”<sup>viii</sup>.

Propondo estabelecer as bases renovadas do “métier” dos historiadores, a “guinada crítica”, num primeiro momento, visa buscar uma nova legitimidade científica. Num segundo momento, no início dos anos 90, o “tournant critique” redireciona seu alvo, propondo um novo modelo historiográfico em torno do paradigma pragmático. Para isso, ela investe, em particular, as propostas teóricas da sociologia das periferias (Boltanski e Thévenot) e da economia das convenções<sup>ix</sup>. Esse novo modelo paradigmático inscreve-se em uma conjuntura historiográfica marcada pela existência de outros modelos de escrita da história.

Partindo de uma análise da conjuntura marcada pelas “incertezas” e dúvidas, os textos do primeiro TC têm, então, por objetivo “estabelecer as bases renovadas” do métier do historiador, apreendendo um “campo de forças”, composto: pela evolução da disciplina, pela sua dinâmica interna, pelo contexto geral das ciências sociais e pelo estado das relações entre disciplinas<sup>x</sup>. O estado de “incerteza” da história resultaria, segundo os autores, de uma crise geral das ciências sociais e do esgotamento mesmo desse modelo historiográfico dominante (quantitativo-antropológico) dos anos 70). Insurgindo contra a prática “selvagem” e “homológica” da interdisciplinaridade, a “guinada crítica” insiste sobre o caráter irredutível das disciplinas. Ameaçada de perder sua identidade, a história necessita questionar seus postulados e os protagonistas desse projeto crítico buscam, nesse primeiro momento, elaborar uma “epistemologia de transição”

No entanto, como bem mostra Christian Delacroix, “a legitimidade científica passa pela legitimidade identitária, ela mesma conduzida pela comunidade institucionalmente encarregada da revista dos Annales”<sup>xi</sup>. Na ausência de um paradigma unificador, pelo momento, a continuidade se impõe pela recusa de polêmicas e pela negação da existência de crises<sup>xii</sup>.

Nesse primeiro momento, os promotores do TC rejeitam outras alternativas de um discurso histórico, por exemplo, as teses de François Dosse em *A História em migalhas*. Constatando a perda, por parte da disciplina, de uma identidade própria, em razão de seu esfacelamento, esse livro propõe uma reabilitação do acontecimento como uma especificidade própria à história. Do mesmo modo, os autores do TC evitam analisar duas propostas, julgadas insuficientes: a do “retorno à narrativa” de Lawrence Stone<sup>xiii</sup> e a do “retorno à história política” de Marcel Gauchet. A primeira dessas propostas, que critica o mito da história científica, diagnosticada pela crise do “determinismo econômico e demográfico”, propõe o deslocamento da noção do grupo em direção ao indivíduo e do científico em direção ao literário. A segunda, fundamentada no constato de uma “mudança de paradigma”<sup>xiv</sup>, caracterizada pelo “retorno da consciência” e da “parte explícita e consciente da ação”, preconiza uma história mais simbólica (exemplo, *Os Lugares da Memória* de Pierre Nora), ao lado de uma “nova história política”<sup>xv</sup>..

Sem dúvida, as propostas, de François Dosse, Lawrence Stone, Marcel Gauchet e da “nova história política”, constituem alternativas historiográficas passíveis diante dos impasses da corrente dos Annales. Possibilitando atribuir uma maior identidade à disciplina, através do retorno à uma outra forma de temporalidade, elas sugerem a irredutibilidade da história em relação à outras disciplinas. Ora, a exploração de recursos teóricos exteriores à disciplina tornou-se prática corrente ao longo dos cinquenta anos de hegemonia dos Annales. Apropriando-se da sociologia e da antropologia, em nome do déficit de cientificidade da história, os Annales não hesitaram em realizar uma “autonomização teórica”, apoderando-se da sociologia durkeimiana e da antropologia de Lévy-Strauss<sup>xvi</sup>,

Ao lado das denúncias de excesso de interdisciplinaridade, a “guinada crítica” nesse primeiro momento, reforça a sua “dupla recusa epistemológica”, ou seja, a redução linguística da história e o excesso de cientificismo. Se as críticas ao modelo dos Annales, são autorizadas, elas se fazem discretamente a partir da crítica da própria disciplina, em nome do excesso da “ilusão científica”, e não a partir de modelos historiográficos concorrentes. “O TC é o dispositivo encarregado de construir as condições de emergência de um novo modelo historiográfico estabilizado, com vocação de paradigma – no sentido de matriz disciplinária – a partir do constato de crise da identidade da disciplina, evitando a confrontação direta com outros modelos historiográficos desqualificados, [e isso] em nome da legitimidade científica dos Annales”<sup>xvii</sup>. Nesse primeiro editorial, o privilégio do tempo e da dimensão temporal dos fenômenos são creditados como sendo o único objeto específico da história.

Os modelos de análise propostos, visando romper com a “dupla recusa” (os “velhos dualismos” ficção/ciência), são de natureza distinta. Um primeiro, interno à disciplina, é feito sobre as escalas de análise e a micro-história, um segundo, externo, apresenta a teoria da auto-organização e a corrente do construtivismo social, um terceiro volta-se para o procedimento hermenêutico.

Desde os anos 50, Paul Ricoeur<sup>xviii</sup> já havia assinalado as tensões inerentes à prática da disciplina, marcada, por um lado pela objetividade necessária de seu objeto e, por outro pela subjetividade do seu historiador. A hermenêutica corresponderia, então, nesse momento de deslocamento de categorias de temporalidades (a curta duração, as discontinuidades, por exemplo) e de mutações da escrita histórica (a valorização do acontecimento e da posição do presente), a uma tentativa de articular a explicação histórica na sua compreensão narrativa. Interrogando, então, “as diversas modalidades de fabricação e de percepção do acontecimento a partir de sua trama textual”, o historiador operaria um trabalho de luto de um passado, contribuindo para a atribuição de novos sentidos<sup>xix</sup>.

Segundo os autores da “guinada crítica” (Bernard Lepetit e Jean-Yves Grenier), a hermenêutica permitiria servir de modelo de análise, rompendo com os procedimentos “simplificadores” da história serial., ou seja, com o excesso de realismo histórico, o da coisificação das categorias. O recurso à hermenêutica representaria a possibilidade de se liberar de uma “fossilização quantitativista do modelo labrousiano, dando margem a uma lógica de “série de interpretações”<sup>xx</sup>.

No início dos anos 90, o TC propicia uma radicalização paradigmática, por parte de um pequeno grupo ligado aos Annales, provocando, do ponto de vista institucional, uma recomposição da equipe da direção da revista<sup>xxi</sup>. Os artigos publicados nos Annales, no entanto, continuam exprimindo uma lógica de autonomia.

### **O paradigma pragmático e interpretativo no “tournant critique”**

Se o paradigma estruturalista (dos anos 50 à metade dos anos 70), exprimindo os pensamentos de suspeita e de estratégia, descentralizou o sujeito para melhor desvendar a idéia de uma verdade científica, o paradigma dos anos 90

re-introduziu, não, um sujeito transparente e soberano, mas a noção da consciência e das ações capazes de explicar a consciência dos atores. Os trabalhos da pragmática e do cognitivismo inspiram, então, esse novo modelo, que, abandonando as referências ao inconsciente e às infra-estruturas, reinveste as ciências humanas.

Um segundo momento do TC (nov/dez. 89), marca a “conversão pragmática dos Annales”, radicalizando, desse modo, o paradigma (pragmático e interpretativo) dos anos 90. “O motor dessa conversão é essencialmente o investimento de dois modelos teóricos, [já mencionados], o da sociologia das “cidades –dormitórios” de Luc Boltanski e Laurent Thévenot e o da economia das convenções”<sup>xxii</sup>. Esses estudos evidenciam a importância concedida à ação e à interpretação, o de uma pluralidade de conjuntos habitacionais (“Cités”), de diferentes mundos de pertença, no interior do qual, o homem é ele próprio, pluralizado, o que torna impossível qualquer reducionismo unicausal<sup>xxiii</sup>. Esse modelo de análise sociológica serve, segundo o TC, de inspiração para as futuras análises históricas. Face ao ecletismo da comunidade histórica, nesse início da década de 90, o TC reintera o desejo de defender uma identidade profissional e de construir uma nova matriz disciplinar<sup>xxiv</sup>.

Uma série de questões metodológicas, tais como a objetividade, o realismo e a verdade, se impõe aos promotores do TC como condição possível de “cristalização de um novo paradigma”. O relativismo (os trabalhos de Hayden White) e os interesses em jogo relativistas do construtivismo<sup>xxv</sup>, são rejeitados como uma impossibilidade de se atingir um conhecimento científico do passado.

Convém salientar que, a produção de teses revisionistas ou negativistas (por exemplo, sobre o holocausto) na França nos anos 80, abrindo caminho à falsificações, interdita toda forma de relativismo histórico e cria espaço para a valorização da questão da objetividade<sup>xxvi</sup>.

O debate historiográfico, no início dos anos 90, mobiliza alguns historiadores fora dos Annales, Roger Chartier, Pierre Nora, Pierre Vidal-Naquet<sup>xxvii</sup>, embora exprimindo posições diversas, atestam a necessidade de uma renovação historiográfica que passaria pela reconfiguração da historicidade. O tema do ator, o método hermenêutico, a prática da micro-história prefiguram, assim, o dispositivo desse segundo TC pelo viés da historicidade. “É a noção de “regime de historicidade” entendida como convenção que regula a relação de toda sociedade com o seu passado, que dá coerência a esse espaço de “tradutibilidade” e que assinala essa transformação”<sup>xxviii</sup>. O realismo restrito (contra o relativismo) e a historicidade do objeto possibilitariam, então, uma identidade teórica apropriada à disciplina. história,

As mutações intensas que afetam as ciências humanas nos anos 80 (o final do marxismo, estruturalismo e funcionalismo), levando-as a um “processo de humanização”, conduzem a história a operar uma “conversão pragmática”. Isso significa a revalorização, pelos historiadores, dos atores, o que se traduz por uma reconfiguração mesmo do tempo histórico. A curta duração e o acontecimento, deixados de lado pelos Annales, retornam em força nas análises históricas, permitindo melhor situar a noção da ação. A conversão da disciplina à pragmática, possibilitando abordar a ação dos atores do passado, reabilita a noção de apropriação, de representação e de rastros. Desse modo os historiadores abordam os modelos temporais dos atores do passado, dialogando com a filosofia e pedindo emprestado o modelo da sociologia da ação.

Em síntese, a “guinada crítica” abre possibilidades de um espaço teórico próprio à história. “Essa parte explícita e refletida da ação, que retornou em primeiro plano, tem por efeito situar a identidade histórica no centro do quadro de um triplo objeto privilegiado para o historiador: uma história política, conceitual e simbólica renovada”<sup>xxix</sup>. Marcada pela pluralidade de interpretações, a história francesa, na década dos 90, passa a ser dominada pelas novas correntes da história política, da história conceitual e da história simbólica.

A exigência de se pensar a historicidade e a necessidade de definir a operação histórica a partir da “centralidade do humano, do ator e da ação situada” (F.Dosse) conduz, então, os historiadores a novas interrogações, em termos conceituais e filosóficos. A crise do causal e o princípio da sub-determinação, demonstrados na teoria física

por Pierre Duhem<sup>xxx</sup>, assim como a noção de “irreduções” de Bruno Latour<sup>xxxi</sup>, influenciam novas pesquisas na área das ciências humanas. Abrindo pistas para a apreensão do real a partir da sua complexidade, o princípio de indeterminação permite múltiplas descrições.

Liberada da falsa alternativa entre cientificidade (esquemas causais e ficcionistas e (“derivas estetizantes”), a disciplina história redescobre nos trabalhos de autores como Michel de Certeau, Paul Ricoeur e de Reinhard Koselleck,<sup>xxxii</sup> por exemplo, novas possibilidades de se pensar o regime de historicidade.

---

<sup>i</sup> Sob o título de “Tournant critique”, ou seja, de “guinada crítica”, a revista dos Annales publica a partir dos números de janeiro/fevereiro de 1988 (essa expressão só aparece no número de março/abril de 88), novembro/dezembro de 89, novembro/dezembro de 90, novembro/dezembro de 1993, janeiro/fevereiro de 1994, março/abril de 1994, análises críticas sobre a historiografia francesa. O verdadeiro número da “guinada crítica” é, no entanto, o de novembro/dezembro de 1989.

<sup>ii</sup> Os recentes processos judiciais de personalidades políticas (Maurice Papon, Paul Touvier, Klaus Barbie), envolvidos em crimes durante a Ocupação alemã, mobilizou os historiadores do tempo presente. Convocados a depor na pretoria, alguns entre eles recusaram o convite, em nome de sua própria função.

<sup>iii</sup> Michel de Certeau. *L'écriture de l'histoire*. Paris, Gallimard, 1995. Jacques Rancière. *Les mots de l'histoire* – essai de poétique du savoir. LS.Seuil, 1992. Paul Ricoeur. *Temps et récit*. 3 volumes. Paris, Seuil, 1983, 1984, 1985.

<sup>iv</sup> Ver, François DOSSE. *L'histoire*. Paris, Armand Collin, 2000, p.54.

<sup>v</sup> Bernard LEPETIT, membro do comitê de direção da revista e autor, junto com Jean-Yves GRENIER, dos números: janeiro/fevereiro de 1988 e novembro/dezembro de 1989, foi o iniciador da guinda pragmática da revista..

<sup>vi</sup> Ver Christian DELACROIX. “La falaise et le rivage. Histoire du “tournant critique””; In: *Espaces Temps* (Lês Cahiers), “Le temps réfléchi”. *L'histoire au risqué des historiens*. , n.59/60/61, 1995.

<sup>vii</sup> Christian DELACROIX retem para a sua análise, dois tipos de textos: 1 – os textos de apresentação dos números dos Annales de jan./fev. de 88, março/abril de 88, nov./dez. de 89, nov./dez. de 90, nov./dez. de 93, jan./fev. de 94, março/abril de 94. 2 – alguns textos pessoais, não necessariamente publicados nos Annales, de Bernard LEPETIT, de André BOURGUIÈRE, de Jean-Yves GRÉNIER, de Jacques REVEL, membros do comitê de direção da revista.

<sup>viii</sup> Christian DELACROIX, *op.cit.*, p.88.

<sup>ix</sup> Sob a designação de “economia das convenções”, um grupo de pesquisadores (economistas, sociólogos e filósofos da ciência) propõe um modelo geral de interpretação das relações sociais. Eles organizam uma publicação comum (“L'économie des conventions”; in: *Revue économique*, mars 1989, v. 40, n.2) tendo por objetivo refletir sobre as regulações das economias nacionais e suas regras, sobre o resurgimento do “institucionalismo”, a partir de um grupo, de uma empresa, de uma coletividade. Ver, François DOSSE. *L'empire du sens – l'humanisation des sciences humaines*. Paris, La Découverte, 1995, pp.65,66.

<sup>x</sup> C.DELACROIX, *op.cit.* p.88.

<sup>xi</sup> *Ibid.*, p.88.

<sup>xii</sup> *Ibid.*, p.89.

<sup>xiii</sup> Lawrence STONE. “The revival of narrative”. Reflections on a new old history; in: *Past and Present*, n.85, 1979. Esse texto foi traduzido em francês: “Retour au récit, réflexions sur une nouvelle vieille histoire”; In: *Le Débat*, n. 4, 1980.

<sup>xiv</sup> Ver Marcel GAUCHET. “Lê changement de paradigmes en sciences sociales?”; In: *Le Débat*, n.50, 1988.

<sup>xv</sup> Ver, igualmente, René RÊMOND (direction de). *Pour une histoire politique*. Paris, Seuil,1988.

<sup>xvi</sup> Christian DELACROIX, *op.cit.*, p.90, 91.

<sup>xvii</sup> *Ibid.*, p.92.

<sup>xviii</sup> Ver Paul RICOEUR. *Histoire et vérité*. Paris, Seuil, 1952. Sobre a hermenêutica, ver *Du Texte à l'action* – essais d'herméneutique, II. Paris, Esprit/Seuil, 1986.

<sup>xix</sup> François DOSSE. “Le double tournant herméneutique et pragmatique”, *op.cit.*, p.17.

<sup>xx</sup> *Ibid.*, p.95.

<sup>xxi</sup> Em 1994, o comitê de direção da revista integra Laurent Thévenot e André Orléan.. Jean-Yves Grenier é nomeado secretário da redação e Bernard Lepetit ganha o comitê de direção. (C.DELACROIX, p.99).

<sup>xxii</sup> C.DELACROIX, *op.cit.*, p.98. Ver L.BOLTANSKI et L.THÉVENOT. *De la justification*. Les économies de la grandeur, Paris, Gallimard, 1991.

<sup>xxiii</sup> François DOSSE. “Le double tournant herméneutique et pragmatique dans les études historiques et les sciences sociales en France”. Texto da Conferência proferida na UFPR em 17 de abril de 2001, p.3.

<sup>xxiv</sup> C.DELACROIX, *op.cit.*, p.99.

<sup>xxv</sup> A abordagem construtivista parte da idéia de uma edificação permanente do mundo pelos indivíduos através de suas ações e reações recíprocas, através de suas representações que orientam suas condutas e suas ações. No entanto, “o construtivismo epistemológico não deve ser confundido com as modalidades simbólicas de existência dos objetos da pesquisa histórica (nível ontológico)”(C.DELACROIX, *op.cit.*, p.93).

<sup>xxvi</sup> Ver Gerard NOIRIEL. “L’historin et l’objectivité”; In: *Sciences Humaines – L’histoire aujourd’hui.*, n’18, sept.oct.1997.

<sup>xxvii</sup> Ver Roger CHARTIER. “Lê temps de doute”; in: *Lê Monde*, 18/03/93. Pierre NORA(direct.). *Les lieux de la mémoire*. T. III, Paris, Gallimard, 1993. P.VIDAL-NAQUET. *Les assassins de la mémoire*. Paris, La Découverte, 1991.

<sup>xxviii</sup> Christian DELACROIX, *op.cit.*, p.107.

<sup>xxix</sup> François DOSSE. “Lê double tournant”, p.2.

<sup>xxx</sup> P.DUHEM. *La théorie physique, son objet, sa structure*. Paris, Vrin, 1981.

<sup>xxxi</sup> B.LATOUR. “Irréductions”; In: *Les microbes; guerre et paix*. Paris, Métailié, 1984.

<sup>xxxii</sup> R.KOSELLECK. *Le futur passé* (trad.) Paris, EHESS, 1990.